

DAS VÁRIAS CONCEPÇÕES DO TERMO LEIGO NA IGREJA DO BRASIL

(Leitura histórica)

(texto provisório - para debates)

Introdução

Para falarmos das concepções do termo leigo na Igreja do Brasil, numa perspectiva histórica, temos que nos perguntar imediatamente: a partir de que ponto referencial? Qual o contexto histórico de cada concepção, qual o modelo de Igreja subjacente?

Daí termos optado por tentar detectar, em largos traços, as características dos leigos de cada época da nossa história, apresentando-as de maneira descritiva, tendo como pano de fundo o contexto eclesial. São então, podemos ressaltar as práticas dos cristãos (leigos) e seus autores, com suas tendências eclesiológicas, suas organizações, espiritualidade, formação...

A atuação e vivência dos leigos vão refletir, por sua vez, as acentuações eclesiológicas dos vários períodos históricos.

Em alguns momentos, vamos perceber a Igreja identificando-se com o Reino, fazendo emergir uma imagem de Igreja abstrata, idealista. Em outros momentos, a Igreja tendendo a identificar-se com o mundo, quando projeta um modelo de Igreja disputando com os poderes do século, ou ainda, a Igreja centrada em si mesma, não articulada com o Reino e o Mundo, fazendo aparecer uma imagem de Igreja auto-suficiente, triunfalista...

Em cada época a Igreja apresenta suas conquistas e seus limites, explicitando sua condição de Povo de Deus na história, ao serviço do Reino de Deus.

1. CONCEPÇÃO DE LEIGO NAS CONFRARIAS: Irmandades e Ordens Terceiras...

Durante o período do antigo pacto colonial, a Igreja do Brasil teve uma face típica, isto é, nasceu e se desenvolveu sob a proteção e dependência do Padroado português. Este quadro permanecendo inalterado durante os três séculos do período colonial deu uma conotação específica ao nosso catolicismo. Constatamos formas próprias na sua expressão:

1. Considerando o catolicismo como algo seu, havia uma participação acentuada do povo na vida da religião, assumindo diversas iniciativas, tanto a nível familiar como a nível público, apresentando um caráter social proeminente. Operacionalmente, isto se concretizava sobretudo nas confrarias.
2. Havia também as lideranças leigas chamadas ermitões.
Suas expressões de fé, a partir das devoções aos santos e com

grande força comunitária, explicitavam-se sob formas as mais diversas: (1)

1. Cruzes - semeadas com significados vários: presença de uma comunidade cristã, lugar de oração, do culto à paixão de Cristo, indicação de sepultura de uma pessoa amiga.
2. Oratórios - As pessoas de maior posse reservavam um dos aposentos da casa para acolher o nicho ou oratório com o santo de sua devoção. O oratório podia ser também nas esquinas das ruas ou portátil (sendo carregado pelas pessoas como devoção).
3. Hermida - capelinhas nas beiras das estradas com um culto particular a um santo. A pessoa que cuidava da capelinha chamava-se ermitão, eminentemente de caráter leigo.
4. Confrarias -(Irmandades ou Ordens Terceiras) - a forma mais estruturada do culto (ao Ssmo. Sacramento, a Nossa Senhora, também com finalidade social, de modo especial a Irmandade de Misericórdia que construía hospitais, Santas Casas de Misericórdia para atender aos enfermos).
5. Santuários- local de culto que o povo transformou em lugar de devoção, de romaria para pagar promessa. Também lugar de festa de cunho familiar ou social.

Sobretudo as confrarias estão intimamente relacionadas com os seguintes itens:

- a. A direção de todas elas está nas mãos dos leigos. Os confrades elegiam uma diretoria - mesa provedora - que tinha o poder para deliberar e decidir sobre seus recursos. O clérigo - como capelão - tinha uma atribuição exclusiva: prestar seus serviços religiosos.
- b. Cada confraria era entidade autônoma e isolada. Seguia seus destinos uma vez aprovados seus estatutos pela autoridade diocesana e pelo Rei de Portugal.
- c. Das confrarias dependia o brilho das cerimônias religiosas. Toda a organização estava sob sua responsabilidade.

As ordens Terceiras estavam ligadas às diversas ordens Religiosas: Carmelitas, franciscanos, beneditinos, etc. embora fossem leigos, limitando-se os frades apenas à orientação religiosa.

2. CONCEPÇÃO DE LEIGO NAS ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

Vivemos o período histórico após a independência do Brasil, sobretudo os anos que precedem a proclamação da República e os subsequentes, carrega

(1) Azzi, Riolando: in História da Igreja no Brasil, tomo 2, Vozes, 1977

dos de interpelações e conflitos. Esta fase caracteriza-se pela ação dos Bispos Reformadores, 2ª metade do século XIX, na luta pela implantação do Concílio de Trento em nossas terras. "Podemos dizer que, neste período, rompeu-se o equilíbrio entre o abasileiramento do catolicismo pela sua convivência com a senzala e com o índio, pelo cruzamento de tradições reinóis e da terra, catolicismo mestiço e barroco, convivendo com reizados e congadas, com irmandades de N.S. do Rosário dos pretos e São Benedito e a sua "europeização" embutida na luta por um catolicismo mais "puro", mais "branco", mais ortodoxo, mais próximo de Roma. (2)

A reforma almejada propôs-se e conseguiu aplicar os ditames do Concílio de Trento nos seguintes pontos:

1. Voltar-se para os assuntos internos da Igreja.
2. Trazer da Europa, à medida do possível, novas ordens e congregações religiosas que lhe servissem de apoio para a reforma da Igreja (Redentoristas, lazaristas, dominicanos, capuchinhos franceses, etc.)
3. Instituir os Seminários "fechados", rigoristas, como único meio para ingressar para o sacerdócio. Formar, assim, sacerdotes de intensa vida espiritual, cortados dos interesses familiares e sociais e que se dedicassem exclusivamente aos serviços religiosos.(3)

A situação em questão tinha uma dupla face: a) uma tentativa de controle do catolicismo brasileiro por parte de Roma, b) as tensões internas, sobretudo explicitadas na "questão religiosa" entre 1872 e 1874, cujos expoentes maiores foram Dom Vital e D. Macedo Costa, respectivamente bispos de Pernambuco e do Pará.

A metodologia de ação levou a uma desvalorização do catolicismo dos leigos por um catolicismo controlado pelo clero. Substituição das devoções aos santos tradicionais do povo por devoções em voga na Europa, especialmente trazidas pelas congregações recém-introduzidas. Daí, nascem o Apostolado da Oração, a Pia União das Filhas de Maria, as Congregações Marianas, as devoções a N.S. do Perpétuo Socorro, a São Vicente de Paulo...

A substituição de lideranças leigas pela liderança do clero leva a uma concentração do controle paroquial: devoções mais sacramentais que devocionais. Controle também dos centros de romarias entregues às novas congregações religiosas. As missões populares eram o instrumento de tratamento de choque para a nova espiritualidade. O eixo foi deslocado: do leigo para o clero, da religião familiar para a religião do templo, das rezas para missa, do terço para os sacramentos. Deslocamento que deixa o leigo passivo para escutar, assistir as cerimônias, obedecer ordens. O confinamento dos leigos leva os homens a de-

(2) BEOZZO, José Oscar: Irmandades, Santuários, Capelinhas, in REB, vol. 37, fasc. 148, dez.1977, pp.743

(3) OLIVEIRA, Pedro Ribeiro: in Evangelização e comportamento religioso popular, obra coletiva, vozes, 1978, p.14

sertar da religião e a se refugiar na maçonaria, objeto de muitos conflitos na época. Torna-se, então, lugar comum chamar o povo de ignorante. Será que o povo era ignorante da religião que recebeu dos seus pais ou ignorante da nossa religião? pergunta Comblin num estudo sobre a catequese no Brasil (4). Participando das associações, as lideranças novas são formadas para "aplicar um manual".

Evidentemente que o objetivo dos Bispos Reformadores era purificar as irmandades de "deformações" passadas. No entanto, enfraqueceram de muito o elã de participação dos leigos. A nova orientação é centrada nos catecismos, nas missões populares, nas visitas pastorais, nas novas devoções, levando a um cristianismo privativo, intimista.

3. CONCEPÇÃO DE LEIGO NA AÇÃO CATÓLICA GERAL

Algumas décadas após este esforço um tanto apologético e doutrinador, em que o leigo é destituído de suas funções religiosas anteriores, surge uma nova etapa.

Dom Sebastião Leme de Silveira Cintra, conhecido por Dom Leme, na famosa carta pastoral de 1916, como bispo de Olinda, via na solução para muitos problemas da Igreja a mobilização e organização de movimentos leigos. Dom Leme achava que um laicato mobilizado podia exercer pressão para melhorar a posição pública da Igreja. E mais ainda. A influência podia ser aumentada através da ação desses leigos, especialmente intelectuais. Transferido para o Rio de Janeiro, em 1921, Dom Leme começou imediatamente a organizar um Movimento Leigo. O 1º passo foi em torno da Confederação das Associações Católicas, transformando-as em recurso de potencial humano. O 2º passo foi a criação do Centro Dom Vital, fundado por Jackson de Figueredo, leigo, recém-convertido, sob o estímulo e orientação de Dom Leme, destinado a atrair os intelectuais. O instrumento principal era a Revista Ordem.

Ambos os caminhos convergiam para pontos comuns, terminando na Ação Católica Geral, de origem italiana, oficialmente fundada no Brasil, em 1935 inspiração do próprio Pio XI (5). Desde 1922, em múltiplas ocasiões, o Papa repete a sua definição de Ação Católica como "participação do laicato no apostolado hierárquico da Igreja". Em 1937, a Ação Católica no Brasil já tinha ultrapassado todos os outros movimentos e associações, baseada no mandato oficial para fazer apostolado.

A Ação Católica Geral já lembrava a exigência do Apostolado leigo no mundo, apesar das tendências do liberalismo individualista da época e do fechamento da Igreja diante dos desafios modernos. A tônica da A.C.G. era motivar os leigos bem formados a ajudar o clero. Na nova edição da Pastoral Coletiva dos Bispos do Brasil de 1915, adaptada ao Código de Direito Canônico (1917) e

(4) COMBLIN, J: Prolegômenos da catequese no Brasil, in Sinais dos Tempos e Evangelização, Duas Cidades, 1968, p.232

(5) BRUNEAU, T: O Catolicismo brasileiro em época da transição, Loyola, 1974, pp.85-89.

ao Concílio Plenário Brasileiro (1939), temos um capítulo sobre a A.C. (nº1533): "Não se esqueçam os Revmos sacerdotes de que os apóstolos leigos sō serō os braços direitos dos Pārocos e instrumentos da Hierarquia, se, como insistem Pio XI e Pio XII, tiverem uma formação completa e viverem uma vida profunda e intensa, sō conseguidas mediante o zelo incansável e perseverante do clero". E continua: "Considerando que A.C. é tanto mais eficaz e útil quanto mais auxili ar o apostolado dos Bispos e do clero, trabalhem por manter sempre mais viva a submissão dos seus membros à hierarquia" (nº 1534, citando o Papa Pio XI).

O Estatuto da A.C. Brasileira apresenta a sua natureza como: "Participação Orga nizada do laicato católico do Brasil no apostolado hierárquico da Igreja para difusão e atuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e so cial". E visa como fim último: "dilatar e consolidar o Reino de Jesus Cristo". Como fins próximos: "a formação ao apostolado dos católicos leigos" (artigos 1, 2,3). Seus meios: a. reunir em organizações próprias ... os homens e senhoras e as juventudes masculinas e femininas, b. coordenar, de acordo com o regulamen to estabelecido, pelo Episcopado, as associações e obras católicas que exerçam apostolado externo". (Artigo 4). Foi a A.C. o primeiro programa oficial com raio de ação nacional, coordenado em grande parte pelo Centro Dom Vital que foi a fonte do despertar o interesse brasileiro pelo catolicismo social. Sua ca nalização concretizou-se através de experiências diversas e entre as mais co nhecidas está a Liga Eleitoral Católica (LEC), um organismo eclesiástico supra partidário. "Tinha como objetivos: 1º - instruir, congregar, alistar o elei torado católico; 2º - assegurar aos candidatos dos diferentes partidos a sua aprovação pela Igreja e, portanto, o voto dos fiéis, mediante a aceitação por parte dos mesmos candidatos, dos princípios sociais católicos e o compromisso de defendê-los na Assembléia Constituinte" (6). Estamos no Governo de Getúlio Vargas a partir de 1930, com a revolução da Aliança Liberal, despontando uma fa se de esperança. Dom Leme consegue novo relacionamento com o Estado, tipo ali ança tácita. O catolicismo brasileiro vive uma fase de euforia, com expressões de triunfalismo "maior país católico do mundo", inspirado em ensaios de pres tīgio social da Igreja. Convém "notar que se esboçam, no final da década de 30, traços de um catolicismo que, em termos de Igreja, procurava destacar, com ener gia, o sentido comunitário e dinâmico (contra a prevalência do individual e do institucional) ... em termos de mentalidade, ensaiarā as formas e o estilo de um catolicismo que seja capaz de elaborar uma consciência crítica em face das questões eclesiais e extra-eclesiais, tentando superar a passividade tão comum na aceitação pura e simples de modelos estrangeiros e de orientações universais e globais que, não raro, eram aplicados mecânica e rigidamente, como também dan do à base (os leigos) um papel e uma função ativa na programação e na execu ção da pastoral... Formavam-se dois grupos de leigos, em tensão: uns mais con servadores, guiados pelas congregações marianas, e outros mais progressistas, compostos por grande maioria dos militantes de A.C." (7).

(6) LUSTOSA, Frei Oscar: A Presença da Igreja no Brasil, ED. Giro Ltda. SP, 1977 - p. 68

(7) LUSTOSA, Frei Oscar: Op. cit. pp.73-74.

4. CONCEPÇÃO DE LEIGO NA AÇÃO CATÓLICA ESPECIALIZADA

A Ação Católica especializada entrou no Brasil no final da década de 40, através da JOC (Juventude Operária Católica). Logo depois vem a JAC (Juventude Agrária Católica), e a Ação Católica jovem nos meios estudantis (JEC, para os secundaristas e JUC, para os universitários). Também a JIC (Juventude Independente Católica). Algo novo vem no bojo da especialização, tentando garantir uma resposta às exigências da realidade e uma evolução no pensamento teológico. A prática dos cristãos, refletida na Revisão de Vida, mostrava que a ação no mundo era uma exigência do ser cristão. O engajamento nas realidades terrestres tornava-se específico do militante cristão, como consequência da encarnação. Padre Congar recolhe esta gama de experiências e já em 1953 lança o livro famoso da época: "Jalons pour une théologie du laicat", o manual dos que tentavam fundamentar teologicamente a ação do leigo, apresentando-o numa visão positiva, como vocação e missão próprias.

O operário apóstolo do operária, do Padre Cardijn e consequentemente, o estudante apóstolo do estudante ... era categoria nova que vinha dar ao leigo um compromisso que foi-se aprofundando progressivamente.

Estamos no pós-guerra: um clima de desafios. Tomava-se consciência do Terceiro Mundo. Pe. Lebreton chamava a atenção para o "pecado social", levando-nos a ser fiéis ao concreto. E. Mounier propõe o engajamento neste real e nesta história, enfrentando obstáculos e tensões. No Brasil, circulavam novidades num contexto novo de ebulição, sobretudo na 2ª metade da década de 50, no governo de Juscelino Kubitschek. A Igreja defende as reformas propostas, na corrente do desenvolvimento: Reforma Agrária, Universitária, ... Os jovens da A.C. traziam para dentro da Igreja os conflitos e a problemática do seu engajamento. Nova feição de Igreja se impõe. Novo tipo de leigo afirma-se, pouco numerosos mas significativos. Nasce o Movimento de Educação de Base que será campo de ação de muitos leigos. Militantes da JUC fundam a Ação Popular (AP), como exigência de engajamento no político.

A chave para penetrar no âmago da A.C. era a Revisão de Vida que passa por várias etapas. Um VER de fé, cada vez mais realista, torna os cristãos mais sensíveis ao mundo e seus problemas. O JULGAR leva ao confronto com a proposta de JESUS e um chamado à missão, a um AGIR em que a transformação do mundo entra nos planos dos cristãos. A relação fé-política apresenta-se como urgência. Os assistentes e as equipes de coordenação da A.C. em muito contribuíram na formação, com instrumentos que vão além da revisão de vida: dias de estudo, boletins, seminários especializados, etc.

- À medida em que aprofundam a teologia do batismo e da confirmação, os leigos de A.C. vão assumindo sua missão numa autonomia maior, como Igreja por natureza missionária. Isto levava os cristãos a se sentirem Igreja, a se sentirem valorizados na missão. "Na JUC se podia ser cristão e ser gente ao mesmo tempo", dizia uma ex-militante numa entrevista recente aos jornais.

- A A.C. através dos seus leigos contribuem para a renovação da Igreja, desde a criação da CNBB, em 1952. E praticamente está presente em todos

os passos que fazem a dinâmica da Igreja no Brasil no período pré-conciliar. O golpe militar de 1964, os impasses do pós-concílio, conflitos com a hierarquia levaram à falência uma experiência de Igreja que deixou marcas profundas para o seu porvir. Continua ainda o ponto de referência para muitas das formas de apostolado leigo no pós-concílio. A Igreja como um todo assimilou muito do que o Espírito soprou através da A.C.

5. A CONCEPÇÃO DE LEIGO NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

COMUNIDADE tornou-se o conceito predileto de todas as pessoas empenhadas na renovação pastoral, nas últimas décadas. Sem dúvida, contudo, nas Comunidades Eclesiais de Base tomou sua feição mais sólida, no novo jeito da Igreja ser a partir da base. Não é, portanto, um Movimento de Leigo, mas abriga "um novo e fecundo espaço dos leigos na Igreja" (8). Muitas fontes reivindicam sua paternidade e, de fato, são muitos os filões que desembocam neste caudal de renovação eclesial. O Movimento de Educação de Base (MEB), a própria Ação Católica, os sindicatos rurais da década de 50, a catequese de adultos da diocese de Barra do Piraí, os pregadores populares de Tutóia-Ma., os círculos bíblicos, a celebração do dia do Senhor, a renovação de algumas paróquias pilotos ... Tomou novo surto na dinâmica conciliar com a teologia do Povo de Deus, na abertura da Igreja ao mundo dos pobres, levando a Igreja a fazer sua opção por eles. Também há sinais de reencontro com a Igreja do antigo pacto colonial através da religiosidade popular profunda e autônoma. Um reencontro com a tese de Pe. Julio Maria defendendo, no final do século passado, que as alianças da Igreja deviam ser diretamente com o Povo. E mais. A conjuntura brasileira no regime de ditadura, encurralando na Igreja o único espaço de expressão, de certa liberdade. E, sobretudo, o confronto das CEBs com a Igreja dos Atos dos Apóstolos. As CEBs retomam muito do modelo das Igrejas primitivas: "A multidão era um só coração e uma só alma (Atos, 4,32). É, igualmente, uma Igreja da Palavra: reunidos em nome do Senhor que lhes convoca para o compromisso com a justiça, o que tem levado muitos dos seus membros até a perseguição, ao martírio. Uma Igreja missionária. Uma Igreja de pobres apóstolos de outros pobres.

- As CEBs já têm sua pequena história oficial. No Plano de Pastoral de Conjunto do Brasil, 1966-1970, os Bispos concluem que a comunidade de base é sua prioridade e seria a contribuição mais significativa do Plano (pág.38). A Conferência de Medellín a define como meta fundamental da renovação eclesial na A.L. E Puebla diz: "Está provado que as pequenas comunidades, sobretudo as Comunidades Eclesiais de Base criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade, à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local. Destacamos com alegria, como fato relevante e caracteristicamente nosso e como "esperança da Igreja"(EN 58)" - nº 629.

- As CEBs não são Movimento mas a Igreja em Movimento. Como a Igreja primitiva é uma Igreja organizada onde há ministé-

(8) Doc. da CNBB, nº 25, p.78-79.

rios diversificados, assumidos de forma participativa e fraterna. Um Movimento de Renovação que parte dos pobres e atinge o conjunto da Igreja. Seus encontros intereclesiais, em plano nacional, tem sido expressão eclesial, ao mesmo tempo um fator de formação de seus membros - tanto pela preparação cuidadosa, como pela escolha dos temas. Sem falar no fato mesmo dos Encontros como celebração da Vida, oferecendo ao conjunto da Igreja um espelho do que está acontecendo nas bases, no relacionamento fê-vida. "No espaço das CEBs, o povo também aprende a se organizar, descobre o seu valor, reflete, decide e age. Elas são também escola política, ajudando as massas a abrir horizontes, mediante a explicitação dos grandes valores do Reino que questionam a atual sociedade, não numa perspectiva de neo-cristandade, mas de autonomia da sociedade civil, numa linha de corresponsabilidade" (9).

E para tanto, o espírito criativo tem valido: cartilhas de educação política, os temas da Campanha da Fraternidade em slides, caminhadas, em sua, renovação de conteúdo dos símbolos religiosos do povo. Seu raio já atinge mais de 200 dioceses do Brasil. As CEBs têm ainda revelado muitas possibilidades de unidade cristã, novas alternativas ecumênicas.

Finalmente, vale salientar o espaço que as CEBs abriram para a missão da mulher na Igreja, um dos sinais dos tempos ainda não bastante valorizados.

6. CONCEPÇÃO DE LEIGO NAS PASTORAIS EM SITUAÇÕES HUMANAS ESPECÍFICAS

(Pastorais específicas)

Uma figura nova na pastoral da Igreja do Brasil. Como caracterizá-las?

Vejamos as principais expressões:

- . CPO (Comissão de Pastoral Operária) | órgãos relacionados com a
- . CPT (Comissão de Pastoral de Terra) | CNBB Nacional
- . CIMI (Conselho Indigenista Missionária) - órgão anexo à CNBB Nacional.

Outras são relacionadas ou anexas aos Regionais da CNBB ou às dioceses: Pastoral do Menor, da Saúde, Centros de Defesa dos Direitos Humanos, Pastoral das Favelas, Pastoral da Mulher, do Negro ... Todas são pastorais que se apresentam como ação da Igreja nos respectivos meios de atuação. Em plano nacional, estão relacionadas com a linha 6 da CNBB que é a dimensão profética e transformadora da Igreja. As diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil apresentam todas as dimensões como elementos constitutivos da ação pastoral da Igreja ... (nº 81) e para a linha 6 diz: "É o Espírito quem anima a vida do Povo de Deus para que atue no meio da sociedade como fermento, sal e luz, transformando-a pelo testemunho e ação, para que seja mais justa, solidária e fraterna, comunicando desta forma os valores do Reino" (nº 87). Pastoral aqui é

(9) Dom Luís Fernandes: CEBs: expressão da Igreja-povo, in Tempo e Presença,

sinônimo de Evangelização como "razão do ser da Igreja". Ainda mais. Quer dizer: Pastoral numa sociedade de conflito. Uma pastoral nas classes populares. É o mesmo povo das CEBs que é o sujeito destas Pastorais, porque são os oprimidos, os mais pobres. Por vezes, são os próprios membros das CEBs que atuam nas pastorais específicas. Não são Movimentos leigos como não entram na categoria de nova maneira da Igreja ser. Seriam serviços à animação pastoral? Para alguns casos, é difícil de discernir de um Movimento. Para outros, parece simples assessoria. Como pastoral numa sociedade de opressão conflitiva, leva a Igreja para dentro dos conflitos e, conseqüentemente, traz os conflitos para dentro da Igreja. Estas pastorais são, também, fruto legítimo da fase de ditadura em que a Igreja era o único lugar de possibilidade de atuação. São pastorais que levam em consideração, de modo especial, as estruturas geradoras de conflito, o que supõe um conhecimento mais aprofundado da realidade e uma teologia (espiritualidade) com mediações sócio-analíticas, para que a Igreja seja, de fato, sinal de libertação, de salvação. Uma pastoral onde o pobre "coletivo" seja o centro de sua atuação, desafiando a relação Evangelização-Libertação, fê-política.

Segue os mesmos princípios metodológicos das CEBs, conquistas da Educação popular. A título de exemplo: "ninguém ensina a ninguém, todo mundo pode ajudar o outro a aprender". "Só podemos ajudar a ensinar à medida em que estamos dispostos a aprender". Uma pedagogia baseada na solidariedade, na participação de todos na luta, na esperança, na fé.

Também promove cursos de orientação nos respectivos campos, estimula a estruturação de oposições sindicais onde o órgão classista estiver dominado por pelegos, apóia encontros dos próprios agentes para discutir e encontrar soluções, etc ...

7. CONCEPÇÃO DE LEIGO NOS MOVIMENTOS

Temos, hoje, duas categorias de leigos em Movimentos organizados em plano nacional e articulados em plano internacional. São, então, supra-diocesanos e têm seus planos nacionais, por vezes, em tensão com a Igreja local. A 1ª categoria: composta pelos Movimentos de adultos que vêm da herança da A.C. da década de 50 e 60. São continuação ou inspiração deles com a devida atualização provocada pelo Concílio Vaticano II, Medellín e Puebla. Também pelas Orientações da Igreja do Brasil. São sobretudo:

ACO (Ação Católica Operária)

ACR (Animação dos Cristãos no Meio Rural)

RCB (Renovação Cristã do Brasil, antiga ACI)

A 2ª categoria: composta pelos Movimentos que entraram no Brasil, sobretudo na década de 70 ou 80. Difícil de catalogá-los de modo uniforme mas algumas características são comuns: - continuam internacionais e recebendo influências de uma eclesiologia mais internacional,

- acentuam a dimensão da espiritualidade, da conversão pessoal, intimidade com Deus, valorizando a emotividade,

- estão mais voltados para a classe média, como resposta ao homem urbano,
 - apresentam distância entre o desejo de se integrarem nas orientações pastorais da Igreja local e sua prática, fruto da rotina rígida de suas estruturas originais. São eles: Focolari, Carismáticos, Comunione e Liberazione, etc.
- Atingem muita gente. Fazem um 1º despertar para a evangelização, têm uma mística empolgante. Criam uma espiritualidade de participação. Despertam vocações sacerdotais. Absorvem de tal modo seus membros que não deixam tempo para participação na comunidade maior. Frequentemente, não têm abertura ao social, à transformação da sociedade. Tendem a se fechar nos próprios grupos para manter a autenticidade, eficiência. Têm seus instrumentos de formação próprios, numa linha de apresentação da doutrina, guardando distância quanto aos problemas da realidade.
- Enquanto os Movimentos de Ação Católica são minorias proféticas. Partem dos problemas dos respectivos Meios sociais, tentando mesmo formar uma consciência de classe: formação pela ação. Motivam o engajamento nos órgãos de classe (sindicatos, entidades afins...). Acentuam a formação das pessoas, formação dos militantes, com riscos de distanciá-los da base e formar uma Igreja de elites. Têm sempre presente as estruturas da sociedade como causa dos grandes problemas das pessoas. Têm seus instrumentos de formação na linha da Revisão de Vida formando solidamente seus membros.

Tanto na 1ª categoria como na 2ª temos Movimentos de âmbito Familiar com grande penetração na nossa sociedade. São eles: Movimento Familiar Cristão (na 1ª categoria), Encontros de Casais com Cristo, (mais na 2ª categoria).

8. CONCEPÇÃO DE LEIGO COMO ASSESSORIAS ESPECIALIZADAS

O pano de fundo desta concepção de leigo é a prática pastoral de cristãos, inseridos no mundo dos pobres. A Igreja que nasce do Povo pelo Espírito de Deus cria suas exigências. Dois tipos de assessores se fazem necessárias de maneira mais explícita: teólogos e cientistas sociais. A Igreja das CEBs, das Pastorais, dos Movimentos no meio popular, assumindo, cada vez mais, como sujeitos ativos, na e como Igreja, precisam aprofundar a razão de sua Esperança. Teólogos e leigos especialistas em ciências do social urgem como apelo para que a Igreja supere o espontaneísmo ou uma visão ingênua da fé ou da realidade. O encontro da Teologia com as mediações sócio-analíticas acontece como consequência de uma pastoral que se vê desafiada a enfrentar os problemas sérios do nosso tempo, na relação fé-política, no compromisso evangelizador-compromisso libertador, na transformação da sociedade. Como muito bem nos diz a Gaudium et Spes: "Na pastoral sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da psicologia e da sociologia, de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida" (G et S. 62/400)

Leigos na Teologia. Diz também a G. et S.:

"É de desejar que muitos leigos consigam uma conveniente formação nas ciências sagradas e não poucos entre eles, havendo oportunidade, dediquem-se ex-professo a estes estudos e os aprofundem. Para que consigam desempenhar o seu dever, seja reconhecida aos fiéis, clérigos e leigos, a justa liberdade de exprimir as suas idéias com humildade e firmeza, nos assuntos de sua competência" (G. et S. 62/411).

- Uma reivindicação vem crescendo nos leigos, fruto da Teologia do Povo de Deus: igualdade de condições pelo batismo exige igualdade de formação (também teológica).
- Os leigos estão trazendo uma colaboração nova à teologia, a partir do mundo do trabalho, das profissões liberais, do ambiente familiar, do lugar da mulher...
- Os leigos(as) têm sido convocados à capacitação teológica pela própria Evangelização. A formação de leigos por teólogos leigos poderá ser estímulo ao compromisso eclesial de outros leigos, supondo neles, naturalmente, engajamento pastoral significativo e não simples transmissão de doutrina. Esta formação teológica, por vezes, tem sido feita numa dimensão ecumênica.

Leigos cientistas sociais

Normalmente, profissionais que foram ligados à pastoral como jovens, ex-seminaristas ou despertados por alguns dos serviços da pastoral colocam sua ciência ao serviço da evangelização, sobretudo no modelo de Igreja que faz a opção pelos pobres, ajudando a preparar o terreno para plantar a semente.

O Movimento dos Profissionais Cristãos (MPC), a face brasileira do MIIC (Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos) vem tentando canalizar estas vocações, não só nas assessorias mas na corresponsabilidade eclesial, tentando levar os profissionais a se perguntar: como alguém de classe média, de pequena burguesia (intelectual, profissional liberal) pode realizar a opção pelos pobres e oprimidos à luz da Palavra de Deus?

Esforço igual tem sido realizado pelas Comissões de Justiça e Paz. Na pastoral de juventude, muitos dos assessores são leigos. Em todos estes campos de assessorias há muitas mulheres.

9. CONCEPÇÃO DE LEIGO NO MEIO DOS JOVENS

A força de uma população jovem no Brasil, 25% na faixa de 15 a 24 anos, equivalente a 32 milhões de brasileiros, é um desafio à evangelização. A palavra de Paulo VI "a Igreja vive a sua primavera" tem necessidade de mobilizar os jovens para que um "rosto jovem" possa responder ao que se propõe: um constante rejuvenescimento.

A pastoral de juventude do Brasil, tomada como um todo, compõe-se de diversas expressões, conforme os meios sociais e as situações concretas, com estruturas diversas, baseadas em três grandes linhas ou inspirações:

- a) na esteira da Ação Católica, com a JOC (Juventude Operária Católi-

- ca);
- b) ramificações dos Movimentos de Espiritualidade (de Cursilhos, Focolari, Comunione e liberazione, Opus Dei...)
 - c) Pastoral de Juventude Orgânica, na perspectiva popular, a partir das dioceses, dos regionais e coordenada pela Pastoral de Juventude da CNBB nacional ... (sem falar nos grupos nascidos espontaneamente nas paróquias, ou ligados a congregações religiosas, etc).

A estas três grandes inspirações acrescenta-se ainda a pastoral universitária, a pastoral da juventude rural, pastoral de juventude do meio popular, a pastoral de juventude estudantil... João Paulo II, ao colocar o ano internacional da juventude como um dos três eventos mais significativos de 1985, diz: "Todos os jovens devem sentir-se acompanhados pela Igreja; por conseguinte, toda a Igreja, em união com o sucessor de Pedro, sinta-se cada vez mais comprometida, em nível mundial, em favor da juventude, dos seus anseios e solicitações, das suas aberturas e esperanças, para corresponder às suas expectativas, comunicando a certeza que é Cristo, a verdade que é Cristo, o Amor que é Cristo, mediante uma adequada formação que é a forma necessária e atualizada da evangelização (10). Esta formação, desejada pelo Papa, no Brasil, é perseguida pela Pastoral de Juventude, que assume dois objetivos básicos:

- a) Ajudar o jovem a transformar-se em "Homem Novo" por meio de uma autêntica vivência do Evangelho.
- b) Impulsionar o jovem a que, na medida em que se evangeliza, evangelize e transforme seu meio específico de acordo com os valores cristãos...

Mediante a metodologia do VER-JULGAR-AGIR-REVER, através de três dimensões:

1. Dimensão psico-afetiva (afetividade, relações humanas...)
2. Dimensão mística (espiritualidade e aprofundamento teológico)
3. Dimensão política (consciência crítica, visão histórica, aprofundamento social...) (11).

10. CONCEPÇÃO DE LEIGO NA CLIENTELA PAROQUIAL/Conselhos Pastorais

Já não é fácil caracterizar o leigo de paróquia. Em todo caso, para o comum dos mortais, ainda é o lugar onde o cristão se identifica como Igreja. Seja na busca dos sacramentos, nas assembleias litúrgicas, no serviço de assistência aos pobres, no despertar para um engajamento, na catequese. A paróquia é também, em sua grande maioria, o lugar de acolhimento das associações religiosas que dela fazem seu quartel general para a formação e ação. No entanto, as paróquias diversificam-se muito. Temos paróquias respondendo por modelos de Igreja diferentes:

- a) paróquias em que perduram as exigências de cristandade;

(10) L'Osservatore Romano, 28/12/85 p.6.

(11) Pastoral da Juventude no Brasil, estudos da CNBB, nº 44

- b) paróquias abertas às renovações do concílio para uma maior participação na liturgia, maior organização interna em conselhos paroquiais e equipes de serviço...;
- c) paróquias - espaço de formação de comunidades eclesiais de base, descentralizadas do vigário e do espaço da matriz.

O que mais emperra a missão através da paróquia é a eclesiologia reinante que considera a paróquia só como divisão geográfica, sob a autoridade de um padre. A teologia da Igreja local veio mostrar que, quando o Bispo cria uma nova paróquia, não se produz uma divisão da Igreja mas cresce uma nova presença de Igreja. Desafio para as grandes cidades em que a Igreja se apresenta como uma justaposição de dezenas, centenas de paróquias autônomas, quando deveria ser a cidade toda a expressão da Igreja, sob a coordenação do Bispo, com diferentes setores territoriais, para facilitar o exercício das várias necessidades dos cristãos. Da visão da Igreja local é que tem brotado os leigos responsáveis pela pastoral de conjunto, participando do Conselho Pastoral, em plano paroquial ou diocesano, como:

- . mediação para o diálogo intereclesial;
- . instrumento para a formação da mística da corresponsabilidade;
- . lugar onde os leigos refletem sua missão com seus pastores na busca de maior organicidade pastoral;
- . espaço para leigos trazerem para o conjunto da Igreja suas experiências apostólicas, os conflitos dos respectivos meios sociais...;
- . lugar para auscultar, juntos, os sinais de Deus, na marcha do povo, na interpelação dos acontecimentos...

CONCLUSÃO

Após esta tentativa de caracterização das concepções do termo leigo nos vários períodos da nossa história, a questão normal que deve vir à tona: estão elas ainda presentes na vida da Igreja hoje? Algumas das concepções permaneceram tão identificadas com a proposta inicial que não acompanharam nem a evolução do tempo nem o novo do Espírito. Outras deram passos de fidelidade aos apelos que surgiam e se renovaram. O ponto de referência, no momento, para as avaliarmos é o Concílio Vaticano II, com sua eclesiologia, suas prioridades, por sua vez fazendo brotar novas concepções.

Num olhar rápido sobre o conjunto das expressões da vida e do agir dos leigos, poderíamos classificá-las em 5 modelos eclesiológicos no atual momento da pastoral:

1. Eclesiologia dos tempos da Colônia com sua religiosidade popular;
2. Eclesiologia do Concílio de Trento, mais clerical;
3. Eclesiologia dos Movimentos, dividida em 2 blocos:
 - a) eclesiologia da A.C., acentuando o engajamento no temporal
 - b) eclesiologia dos Movimentos de Espiritualidade, de cincho mais universal;

4. **Eclesiologia das Comunidades Eclesiais de Base - nova forma da Igreja ser;**
5. **Eclesiologia dos cristãos engajados no mundo do conflito.**

Revelam concepções diferentes de leigos. Quais as que melhor respondem à missão da Igreja no Brasil hoje?

Pe. José Ernane Pinheiro